

**JOSIANE RODRIGUES ARAUJO**

**O QUE NOS REVELAM AS FALAS DE PROFESSORES, PAIS E ALUNOS SOBRE  
(IN) DISCIPLINA E REGRAS NO COTIDIANO DE ESCOLAS DE JAGUARÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Federal do Pampa, como requisito  
parcial para obtenção do Título de Licenciado em  
Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em: 18/12/2015

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Silvana Maria Aranda – ORIENTADORA

CPF: 553.921.480-34

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Juliana Machado Brandão – AVALIADORA

CPF: 001.177.600-56

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Patrícia Moura – AVALIADORA

CPF: 924.109.360-91

# **O QUE NOS REVELAM AS FALAS DE PROFESSORES, PAIS E ALUNOS SOBRE (IN) DISCIPLINA E REGRAS NO COTIDIANO DE ESCOLAS DE JAGUARÃO?<sup>1</sup>**

Josiane Rodrigues Araújo<sup>2</sup>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Maria Aranda<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A discussão sobre (in) disciplina não é algo novo nem inédito, mas tem sido apontada na atualidade como um grave problema do cotidiano escolar e uma das questões desta pesquisa é a de como se coloca essa discussão no cenário atual em escolas do Município de Jaguarão. Este trabalho buscou analisar as concepções de professores (as), famílias e alunos sobre (in) disciplina e regras em duas escolas do Município. Foram realizadas entrevistas semi estruturadas com cada um desses grupos e observações em salas de aula. A análise dos dados indicou uma polifonia de vozes dos entrevistados sobre o conceito de indisciplina e que as regras não são construídas coletivamente. Embora pais e alunos saibam apontar algumas das regras da escola os alunos justificam sua observância de maneira heterônoma demonstrando não conhecer sua origem e a real necessidade de seu cumprimento. Algumas das conclusões desse trabalho apontam para a necessidade da construção coletiva dos princípios de convivência da sala de aula e da escola e de um trabalho de formação continuada que subsidie os professores e as escolas no sentido de pensar em estratégias pedagógicas para lidar com os fenômenos da indisciplina, incivilidade e violência.

Palavras-chaves:(IN) disciplina. Regras. Concepções. Atualidade.

## **RESUMEN**

La discusión sobre indisciplina no es algo nuevo, ni inédito, pero ha sido señalada en la actualidad como un grave problema del cotidiano escolar y unas de las cuestiones de esta investigación es la de cómo se coloca esa discusión en el escenario actual en las escuelas del

---

<sup>1</sup> Artigo produzido como resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão/RS

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Pedagogia. UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS

Municipio de Yaguarón. Este trabajo busco analizar las concepciones de profesores (as), familias y alumnos sobre la disciplina y reglas en las dos escuelas del Municipio. Fueron realizadas entrevistas semi-estructuradas con cada uno de estos grupos y observaciones en salones de clases. El análisis de los datos indico una polifonía de voces de los entrevistados sobre el concepto de indisciplina e que las reglas d la escuela no son construidas colectivamente. Aunque padres y alumnos sepan apuntar algunas de las reglas de la escuela los alumnos justifican sus observaciones de manera heterónoma demostrando no conocer su origen y la real necesidad de su cumplimiento. Algunas de las conclusiones de este trabajo apuntan para la necesidad de la construcción colectiva de los principios de convivencia en salón de clase, de la escuela y de un trabajo de formación continua que subsidie a los profesores e a las escuelas en el sentido de pensar en estrategias pedagógicas para lidiar con los fenómenos de indisciplina, incivildady violencia.

Palabras clave: Indisciplina. Reglas. Concepciones. Actualidad.

## **1 INTRODUÇÃO**

Em uma breve revisão de reportagens e pesquisas é possível perceber que a questão da (in) disciplina tem sido pauta de discussões e segundo professores é um dos aspectos que dificulta a relação professor/ aluno, o que acaba por interferir no processo de aprendizagem. Essa questão se fez mais presente em minha trajetória acadêmica quando realizei o estágio no Ensino Fundamental do curso de graduação em Pedagogia. Durante nosso período de observação, o qual antecede o planejamento, pude conversar com a direção, ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola e realizar uma entrevista informal onde descobri que a turma em que iria realizar o estágio era considerada uma” turma indisciplinada”. A professora titular me relatou que independente do que era proposto não participavam, rasgavam cartazes, respondiam, brigavam. Tendo em vista o que a professora e direção me relataram sobre a turma e a partir das observações de sala de aula escolhi o fio condutor “Respeitando as regras de convivência” e desenvolvi um trabalho pedagógico voltado para a construção de regras. Esse trabalho se fazia necessário para que as crianças compreendessem a importância das regras no cotidiano de sala de aula. Na proposta pedagógica desta escola é apontada a construção coletiva das regras, no entanto, embora esteja no documento me pareceu na época

que não havia um planejamento em termos de estratégias para que este exercício entrasse em prática, mas naquele momento essa era apenas uma hipótese que carecia de que eu coletasse mais dados, o que não era possível no tempo que dispúnhamos para observação da escola e sala de aula. Acredito que o fio condutor de meu trabalho foi bastante adequado, pois ainda nos primeiros dias de observação prévia ao estágio nos anos iniciais, percebi que antes de trabalhar qualquer outro tema, deveriam ser trabalhadas as regras de convivência para que os alunos daquela turma conseguissem realizar trabalhos em grupo, aprender com a troca de conhecimentos. Ao comunicar a professora titular que pretendia realizar trabalhos em grupo a mesma afirmou que seria improdutivo mudar a disposição espacial da turma e que os alunos sempre sentavam um atrás do outro em fila. Disse-me que não costumava fazer grupos, duplas ou dispor as classes em “U”, já que era uma turma “agitada”, agressiva e alguns eram violentos e que seu eu quisesse ter êxito no estágio com esta turma teria que “passar matéria no quadro e não modificá-los de lugar”. Alertou-me que se eu fizesse diferente não conseguiria “dominar a turma”. Na primeira semana de estágio, o que presenciei na observação foi reiterado, os alunos realmente eram bastante agitados, mas foi isso que me trouxe a convicção que deveria seguir com o projeto de construção das regras da turma. Conversamos bastante, fiz a problematização do projeto tendo como principais questões: O que são regras de convivência? Para que servem? Quem as inventou? Por que são importantes? O que acontece quando não cumprimos as regras? As respostas foram ricas e variadas. Fizemos um acordo a partir das respostas e decidimos criar as regras da nossa sala de aula. Confeccionamos um cartaz onde as regras criadas pelos alunos foram registradas. Começamos com poucas regras e sempre que sentíamos necessidade registrávamos uma nova regra. A partir deste dia, ainda no início do estágio, os alunos começaram a ter uma outra atitude diante das regras dentro da sala de aula e na da escola. Ao longo de meu estágio se algum aluno esquecesse e acabasse infringindo alguma regra, outro colega lembrava e dizia: “Colega olha o que diz no cartaz que nós criamos”. Claro que este trabalho que realizei foi somente em vinte dias, período de estágio e, o trabalho com regras tem que ser feito no início do ano letivo e seguir até o final do ano. Neste período eu consegui observar muitas mudanças na sala de aula, os alunos faziam atividades em grupo, a turma não era mais a mesma, eles começaram a trabalhar de maneira diferente, organizamos os espaços da sala, fizemos painéis trabalhando com inúmeros conteúdos, sempre atrelados ao nosso fio condutor que eram as regras ou princípios de convivência da turma. Um desejo manifestado pela turma no início do trabalho foi o de aprender a tabuada, para tanto realizamos esse estudo a partir de materiais

concretos e trabalhos em grupo. Eles descobriram a lógica da tabuada, que antes parecia tão distante e difícil, trabalhando com tampinhas de garrafas que eu pedi para juntar e levar para aula. Todos tinham seu material e todos conseguiram realizar operações matemáticas de forma lúdica. Outro desejo da turma era aprender a ler e escrever e para isso organizamos a hora da leitura onde eles mesmos já se dispunham em um círculo para ouvir a história e sabiam que depois da leitura havia o momento de conversarmos sobre a mesma. Os livros de literatura escolhidos eram um convite para pensarmos nas regras de convívio social. Na última semana fizemos um sarau literário, onde os alunos escolhiam entre cantar uma música, ler um livro ou declamar um poema. Este dia foi de grande valia para mim, pois, foi quando percebi o importante trabalho que havia realizado em apenas vinte dias com esta turma. Para o Sarau eles organizaram os grupos e decidiram o que iriam fazer. Muitos daqueles que no início de minha prática diziam não gostar de leitura ou “não saber ler” estavam lendo. Muitos daqueles que eram muito tímidos estavam cantando para os colegas e aqueles rotulados como indisciplinados foram os que me ajudaram em todos os momentos. Pelo que relatei até o momento pode-se perceber que ao longo de meu estágio a turma passou a ter uma outra atitude frente as relações, as propostas de trabalho e a aprendizagem. A prática de construção coletiva de “normas de convivência” entre professores e alunos segundo Xavier (2002), é uma das poucas estratégias que parece ter surgido com a finalidade de desenvolver as habilidades consideradas “não-cognitivas” nas escolas responsáveis ou co-responsáveis pela subjetivação, socialização, disciplinamento e autonomia.

Terminei o estágio pensando como seria o processo de construção de regras em outras turmas, seria realmente um processo? Seriam “leis impostas” e coladas nas paredes? Professores, pais e alunos tem a mesma visão sobre as ditas normas da escola?

Neste sentido, o objetivo dessa pesquisa é fazer uma análise inicial da compreensão sobre os fenômenos da indisciplina e sobre as regras estabelecidas no cotidiano da sala de aula por professores, pais e alunos de duas escolas do município de Jaguarão. Para tanto é preciso saber com que conceito de disciplina/indisciplina e regras operam professores, pais e alunos e que ações decorrentes dos mesmos são propostas no cotidiano escolar.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa sessão trabalharei com os conceitos de disciplina e indisciplina centrais para essa pesquisa. No entanto como os alunos indisciplinados muitas vezes também são nomeados como violentos e até mesmo selvagens (no sentido de não civilizados), também irei discorrer sobre esses termos bem como trazer algumas possibilidades apontadas na literatura para tratar dessas questões na escola.

### 2.1 DISCIPLINA / INDISCIPLINA

A problemática da disciplina/indisciplina tem sido recorrente nos discursos atuais e para que se possa avançar na compreensão desse fenômeno e analisar a repercussão do mesmo nas escolas pesquisadas é necessário recorrer a um arcabouço teórico que permita apresentar alguns conceitos que podem nos ajudar a delinear melhor o tema dessa pesquisa. Desta forma nesse item passo a discorrer sobre o significado das palavras disciplina e indisciplina e trago algumas ideias de autores que julgo relevantes para o estudo dessa temática.

Pensando no aspecto etimológico, a palavra disciplina vem do latim e é definida como regras e condutas preestabelecidas. Segundo o Dicionário Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, disciplina pode ser definida como:

dis.ci.pli.na

*sf (lat disciplina)* **1** *obsol* Ensino, instrução e educação. **2** Relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina; observância de preceitos ou ordens escolares: **Disciplina escolar**. **3** Sujeição das atividades instintivas às refletidas. **4** Observância estrita das regras e regulamentos de uma organização civil ou estatal: **Disciplina militar**. **5** Conjunto de conhecimentos científicos, artísticos, linguísticos etc., que se professam em cada cadeira de um instituto escolar. **6** Obediência à autoridade. **7** Procedimento correto. **8** Castigo, mortificação.

No cenário atual continuamos desejando essa situação de “submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina”? Em nossa formação acadêmica é enfatizada a importância da autonomia, a importância planejar de forma que o aluno possa criar, inventar,

criticar e dar sua opinião. Esses estudos levariam a outra prática e concepção de disciplina. De qual concepção de disciplina os professores pesquisados se aproximam? E a equipe diretiva? Os alunos sabem o porquê da “observância estrita das regras e regulamentos”? Essas regras são construídas em conjunto ou impostas? O que sabem as mães ou responsáveis sobre as regras da sala de aula de seu filho?

No que se refere à indisciplina Ferreira (1986, p.595) diz que o termo pode ser definido como “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Assim, indisciplinado é o indivíduo que “se insurge contra a disciplina”. Para Rego (1996 apud Aquino, 1996), a indisciplina no âmbito escolar é retratada por comportamento inconveniente, inoportuno e rebeldia ao que é imposto ao aluno de forma severa. As definições em si fazem uma relação entre disciplina e obediência das normas, das regras sociais. Para La Taille (1996, p. 10) “se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas”. A indisciplina manifestada por uma pessoa é entendida como um mau comportamento, é uma “falta de educação” é um descontrole. Os alunos da escola pesquisadas tem conhecimento (entendimento) sobre essas regras?

Antigamente o controle do comportamento era muito rígido para com os alunos, a disciplina era imposta a base de castigo e ameaças. A escola até pouco tempo atrás, agia de uma maneira rígida, nos ideais disciplinares, o que podemos comprovar nessas “Recomendações Disciplinares” do ano de 1922 (apud Revista Nova Escola, 2009):

[...] (os alunos) deverão andar sem arrastar os pés, convindo que o façam em terça, evitando assim o balançar dos braços e movimentos desordenados do corpo. Em classe a disciplina deverá ser severa:  
- os alumnos manterão entre si silencio absoluto; ...  
- não poderá estar de pé mais de um alumno; ...  
No recreio a disciplina é ainda necessária para que elle se torne agradável aos alumnos bem comportados:  
- serão retirados do recreio ou soffrerão a pena necessária os alumnos que gritarem, fizerem correrias, damnificarem as plantas... etc.  
Ao findarem o trabalho do dia, cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispersarão os alumnos. (BRAUNE apud MORAES, 1922, pp.9-10. In AQUINO, 1996).

Como podemos observar nos trechos citados, essas normas eram relacionadas a uma necessidade do controle do corpo. Foucault (1997, p. 28) destaca que os métodos disciplinares visavam um controle corporal e possuíam duas funções básicas: a primeira seria para aumentar as forças do corpo tendo assim um aluno que tivesse força e habilidade para o

trabalho e, a outra seria a diminuição desta força para que fossem sempre submissos e obedientes. O professor era o detentor do poder, o único que sabia tudo e, também o que dava ordens às quais todos tinham que obedecer. Neste ambiente, a relação professor-aluno se dava entre um superior hierárquico, responsável pelo cumprimento da lei, e um subordinado obediente. Portanto, uma relação caracterizada pelo medo, coação e subserviência (AQUINO 1996). Nesta época o aluno disciplinado era o que obedecia e não questionava. O que o professor falava era o certo e ponto. O aluno indisciplinado era aquele que descumpria estas regras, não ficava quieto, respondia para o professor. Este aluno poderia até mesmo ser respeitado e admirado pelos colegas, que talvez até muitas vezes desejassem responder as atitudes autoritárias do professor, mas era comum que por medo dos castigos e ameaças tanto do professor como dos pais em casa, acabassem por acatar o que fosse imposto pelo professor e dessa forma, como afirma Vasconcellos (1996,p.63); a escola propiciava "a formação de uma personalidade dependente, imatura e pouco atrativa, uma vez que a pessoa se acostuma a sempre receber ordens de fora [...]" . Mesmo em tempos totalmente diferentes, onde as crianças já não se submetem facilmente as normas impostas, será que avançamos no sentido de criar personalidades independentes capazes de seguir princípios de convivência criados coletivamente?

Com o passar dos anos, os estilos disciplinares foram sendo modificados. Na década de 1960, castigar os alunos já estava sendo visto como prejudicial ao desenvolvimento da criatividade dos alunos. Em 70 e 80 era um meio termo entre o respeito ao professor e, uma certa liberdade aos alunos. Já nos dias de hoje, temos alunos, crianças e adolescentes amparados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que visa proteger e amparar crianças e adolescentes até os 18 anos de idade, como nos informa os art.1,2 e 3 do estatuto:

Art. 1º Esta lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e, adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Dizem os professores, que após a efetivação da Lei e a criação do Conselho Tutelar, eles se sentem desautorizados a tomar qualquer medida de caráter disciplinar em relação a



abusos cometidos pelos seus alunos. Segundo alguns educadores, qualquer atitude que se tome para manter a disciplina, essencial para que ocorra a aprendizagem, é motivo para se “incomodar” com os conselheiros tutelares.

Na verdade isso não deveria ocorrer, pois o que o código fez, foi reconhecer nas crianças e adolescentes sujeitos de direitos e de deveres como qualquer outro cidadão, tendo apenas a ressalva de que devemos considerá-los na condição peculiar de pessoas em desenvolvimento, conforme o art. 6º do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em nenhum de seus artigos, o código faz referência a privilégio para a criança ou para o adolescente. Caso isso ocorresse, se estaria infringindo um dispositivo constitucional que é a garantia de direitos iguais a todo cidadão, prevista no art. 5º da Carta Magna. Portanto, a ressalva feita no código não pode ser encarada como uma “permissão” para que qualquer criança ou adolescente venha a faltar com o respeito, seja com o seu professor ou qualquer outra pessoa. A falta de clareza sobre essas questões e a ausência de estratégias pedagógicas para construção de princípios de convivência pode colaborar para a construção de uma sociedade da anomia como bem nos coloca Bauman (2000 p.28)

A ausência, ou mera falta de clareza, das normas- anomia- é o pior que pode acontecer as pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida. As normas *capacitam* tanto quanto *incapacitam*; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação.

## **2.2 SOBRE VIOLÊNCIA, INCIVILIDADE E AGRESSIVIDADE.**

Na construção deste referencial teórico, foi necessário ir além da definição de disciplina/ indisciplina, pois muitas vezes esses fenômenos se mesclam nos discursos com os da violência, agressividade e incivilidade. Existe uma grande variedade de conceitos a respeito desses termos, os quais denominam uma multiplicidade de atos. Para saber distinguir e identificar cada caso é importante conceituar os termos, tanto para melhor compreender o que significam, quanto para que o professor possa pensar em estratégias pedagógicas, conforme a ação praticada pelo aluno. O termo “violência” pode ser definido como: “qualidade de violento; ato violento; ato de violentar; no sentido jurídico: constrangimento físico ou moral; uso da força; coação” (FERREIRA, 1999, p. 2076).

Muitas vezes o professor confunde incivilidade com agressividade e agressividade com violência, pois na maioria dos casos uma situação acaba levando à outra, ou

simplesmente o aluno é rotulado como aluno violento e agressivo, apenas por falar alto com os colegas ou responder “mal” aos professores. Mas será que na vida social deste aluno, no seu cotidiano, em casa e com os amigos não seria este um ato normal?

Precisamos pensar nos conceitos de indisciplina, incivilidade e violência em relação a realidade social, histórica e cultural do aluno. Para conceituar violência, pensando de forma geral, as formas diferenciadas de percepção e abrangência, ficam evidentes como podemos notar no conceito abaixo:

Uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002; in: SILVA, 2005, p.15)

Teríamos inúmeras conceptualizações de violência, sobre as quais não me deterei, pois pelo que observei nas escolas os atos de violência física e material não são frequentes. O que mais aparece nas escolas observadas são atos de indisciplina, incivilidade e violência simbólica ou institucional. A clareza da conceituação dessas diferentes manifestações poderá oportunizar a implementação de ações específicas, onde podemos nos valer de Charlot (1997) que classificou-as em três níveis:

I – Violência – agressões físicas, vandalismo, etc.  
II – Incivilidade – violências físicas ou psicológicas com caráter de espetáculo.  
III – Violência simbólica ou institucional – vivenciadas de forma oculta no ambiente escolar e sobre as quais detemos pouco ou nenhum poder decisório.

Estes avanços na conceituação da violência escolar colaboram para definir a problemática vivenciada nas escolas, pela variedade de situações e formas que apresentam hoje as relações escolares, tais como aponta Tigre (2002, p. 39-40)

[...] formas de conflito que incorporam uma capacidade de resistência ao trabalho com o conhecimento e uma dificuldade em respeitar as normas e regras da escola, expressando-se quer sob uma aparente submissão, quer através de excessos de todos os tipos: deprecação, pichações, zombarias, riso, ironia, tagarelice, maus comportamentos, tumulto, atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados.

Um ato violento, que coloca as pessoas em risco não pode ser tratado no mesmo patamar das incivildades onde os alunos usam palavrões ou xingamentos para relacionar-se com seus colegas. Claro que em ambos os casos é necessária uma ação, mas nos casos de incivilidade devemos pensar em um trabalho a longo prazo. Já a agressividade, às vezes vista

como algo negativo pelo professor é necessária para que o aluno aprenda. O que precisamos é diferenciar agressividade de agressão como bem coloca Fernandez (1994, p.126) “A agressividade faz parte do impulso de conhecer e a agressão ao contrário dificulta a possibilidade de pensar”. A agressividade pode estar a serviço da autoria do pensamento. Em certa medida, ao invés de pensarmos apenas o aluno como agressivo talvez possamos observar o quanto a escola pode ser agressiva com os alunos na medida em que não lhe ofereça voz, ação, autoria. Agindo dessa forma ao invés de construir pensamento a escola caminha no sentido da destruição do mesmo, da agressão. Ao aluno que é agredido cotidianamente e que não encontra espaço para simbolizar, para lidar com essa agressão, o que resta muitas vezes é também tornar-se agressivo. Não apenas a escola acaba indo no caminho de produzir crianças que reproduzem agressões como a sociedade parece exaltar um aspecto perverso da agressividade como nos aponta Oliveira e Martins (2007, p. 91 e 92) “Muitas vezes ‘ser agressivo’ vem associado com ‘ser dinâmico’, ‘ser competente’, não importando muito o que é preciso fazer para alcançar o patamar do chamado ‘cidadão vencedor’”.

### **2.3 A CONTRUÇÃO COLETIVA DE REGRAS COMO UM DOS CAMINHOS APONTADOS PELOS ESTUDOS NO TRABALHO COM A (IN) DISCIPLINA NA ESCOLA.**

Um dos caminhos apontados como forma de trabalhar com o fenômeno da indisciplina é o de que o professor em sua sala de aula não seja autoritário mas sim se constitua em autoridade. Para Novais (2004), a autoridade terá função vital na questão disciplinar, quando houver uma interação entre os indivíduos na sala e estes possam construir um conceito de disciplina que não seja imposto por leis arbitrárias, mas construído por meio da negociação de regras claras e justas. A escola tem que estar aberta para ouvir os alunos, em sala de aula os alunos juntamente com o professor deveriam criar as regras de convivência desde os primeiros dias de aula. Se os alunos criarem as próprias regras ficará mais fácil para respeitá-las e, será um momento para discutir e socializar o que podemos e o que não podemos fazer e o porquê de não poder. Neste momento se cria um sentimento de pertencimento a um grupo uma vez que se quebra o ciclo em que professor ordena e o aluno obedece. Nessa lógica o aluno também pode expressar sua opinião, suas críticas e trazer novas ideias, como preconiza D’ Antola (apud GARCIA, 1999, p. 105).

A participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implicam o exercício de algum grau de poder sobre as disposições coletivas, bases na criação de um senso de responsabilidade comum e um elemento de motivação.

Esse momento no coletivo fortalece a relação professor/aluno, uma vez que o aluno não é somente um ouvinte, um receptor de informações, ele tem suas opiniões e pode expô-las para sua turma. Um trabalho desenvolvido dessa forma caminha no sentido da construção da cidadania. Segundo La Taille (1996) cabe a escola a preparação para o exercício da cidadania. E para ser cidadão é necessário conhecimento, memória, respeito pelo espaço público, normas de relações interpessoais e diálogo aberto entre olhares éticos.

As diversas manifestações da indisciplina são o desafio para os educadores em sala de aula e na escola, tanto na pública como no particular. O aluno necessita de regras para saber identificar os seus limites, regras não significam castigo, frustração ou constrangimento, regras de convivência significam saber respeitar o espaço do outro. Segundo Vasconcellos (1997, p. 248)

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro.

A vida em sociedade necessita de regras e limites, as regras são como um semáforo de trânsito, o qual se não obedecermos estaremos invadindo o espaço do outro. Como diz Rego (1996, p.86)

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social (sobretudo numa sociedade complexa como a nossa). A escola, por sua vez também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas apenas como prescrições castradoras, e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Mais do que subserviência cega, a internalização e a obediência a determinadas regras podem levar o indivíduo a uma atitude autônoma e como consequência, libertadora, já que orienta e baliza suas relações sociais. Nesse paradigma, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites.

Obedecer às regras não significa submissão ou servilismo. O sentido da obediência para a criança ou adolescente terá valor quando aprenderem que viver em sociedade significa construir regras e que disciplina é sinônimo de autocontrole (ANTUNES, 2005).

Neste sentido, tanto nós como futuros professores, quanto o professor já atuante temos que pensar em que aluno e que disciplina estamos esperando quando entramos em uma sala de aula e, principalmente, de que forma estamos trabalhando para que esta seja construída. Nessa pesquisa me coloco a mesma pergunta de Antunes (2005) Qual disciplina estamos efetivamente buscando? Ou melhor, dizendo: qual a disciplina que os professores entrevistados buscam?

Quando se fala em disciplina costumamos associá-la com o conceito de obediência essa correlação está presente no dia-a-dia da escola, o professor busca sempre a “docilidade e passividade do aluno”. O docente fica irritado, grita e, muitas vezes castiga os que não se comportam como ele espera. Quando se tenta impor a disciplina, é bem provável que a rebeldia e a revolta aparecem, nos afastando da tão sonhada “paz” como aponta Vasconcellos (2005, p.47)

[...] O trabalho do professor do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí espera o comportamento dócil, passivo do aluno. É claro que esta expectativa se coloca a partir do círculo da alienação em que se encontra, onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com a esperança de reencontrar assim o espaço vital que sente falta.

Pode-se compreender então que, do modo como muitos professores vem agindo na tentativa de reverter o problema, acaba por agravá-lo. É preciso haver um diálogo entre os envolvidos no processo a começar pela discussão de como encaminhar este problema e a construção coletiva do Regimento Interno (regras de convivência) pode ser um começo. Sem essa construção coletiva muitas vezes, em nome da disciplina, o aluno fica a mercê de normas autoritárias, como falar só quando questionado e não fazer outra coisa senão o que o professor “mandar, no momento certo em que autorizar”. Para Antunes (2002, p.14), o professor deveria ser um instigador de perguntas

Se seus alunos conversam, isto é bom. Saiba fazer dessa notável qualidade humana uma “ferramenta” de ensino. Use a conversa do aluno, o que é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial. Converse com seus alunos e deixe os alunos conversarem entre si. Aprenda a ser um administrador de conversas, expositor de desafios, instigador de perguntas.

O aluno indisciplinado não é aquele que conversa ou se movimenta na sala. É o que não tem limites, não respeita os sentimentos alheios, tem dificuldade em autogovernar-se. O docente tem que ter a iniciativa de intervir nos momentos de agressão e violência entre os alunos, saber dialogar e pensar em estratégias para ajudá-los a resolver os problemas.

### 3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como instrumentos de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com professores, pais e alunos. Para tanto construí um roteiro de perguntas para a realização da pesquisa e, conforme os entrevistados foram respondendo, foram surgindo mais questões as quais precisei anexar ao roteiro. Segundo a autora Elizabete Matallo Marchesini de Pádua no livro Metodologia da Pesquisa 13<sup>o</sup> edição p. 70.

[...] na entrevista semiestruturadas o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

Os primeiros a serem entrevistados foram os diretores das escolas, em conversa informal para conhecer um pouco mais sobre a realidade dos alunos que pertencem a escola, pedir que apontassem a turma que teria o maior índice de “alunos indisciplinados” e a com menor índice. A partir desse direcionamento inicial foram marcadas as entrevistas semiestruturadas com os professores com as seguintes questões iniciais:

- 1- Nome do professor(a)
- 2- Qual sua formação?
- 3- Quantos anos de Magistério? Há quanto tempo atua nesta Escola?
- 4- Como você caracteriza um bom aluno?
- 5- Como você caracteriza um aluno disciplinado?
- 6- Quando acontece alguma situação de indisciplina em sala de aula, você, como professor (a), como reage?
- 7- Estamos no século XXI, onde a modernidade e a tecnologia estão em alta. Neste aspecto, você acha que esta modernidade pode ter vindo a contribuir para o fenômeno da indisciplina?
- 8- Em sua opinião, você acha que pode fazer algo que possa ajudar aluno indisciplinado?
- 9- Existe apoio da Escola em relação asituações em que se precisa fazer uma intervenção especifica no que se refere ao comportamento dos alunos?
- 10- Se acontece algo no seu turno de trabalho como se resolve?
- 11- Com qual frequência existem situações de indisciplina em sua sala de aula?
- 12- Os alunos são sempre os mesmos, ou variam conforme a situação?
- 13- A que atribuis este tipo de situação?

- 14- Nas situações do cotidiano você percebe mais atos de Incivilidade, agressividade ou de violência?
- 15- Na tua sala de aula existem regras ou princípios de convivência? Como eles são trabalhados?

Foram realizadas breves observações em sala de aula a fim de verificar se existiam regras construídas e expostas nas turmas e como agiam os alunos apontados pelos professores na entrevista como indisciplinados ou “agitados”. Também para realizar um mapeamento de como é organizada a rotina e ter uma visão geral das práticas pedagógicas. Para tanto foi realizada a observação participante, na qual o observador interage com a turma, com o objetivo de descrever acontecimentos dentro da sala de aula. Para Amendoeira (1999), na observação participante, o investigador é o principal instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-a-dia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes.

Após o período de observação, pedi aos professores que apontassem dois alunos de sua turma para fazer a entrevista onde um deles seria o que é considerado indisciplinado e o outro um bom aluno (disciplinado). As perguntas para os alunos foram as seguintes:

- 1-O que são regras?  
2- Quem inventou as regras?  
3- Tem regras na tua sala de aula?  
4- Quais são?  
5- Porque as regras existem?  
O que acontece com quem não cumpre as regras?  
Você se considera um bom aluno? Por quê?

E por último e não menos importante foram realizadas entrevistas com os pais dos alunos.

- 1-Consideras teu filho (a) um bom aluno? Por quê?  
2-Sabe quais as regras que existem na sala d aula de seu filho (a)?  
3-Seu filho (a) costuma cumprir as regras em casa?  
4-O acontece quando ele (a) não cumpre as regras em casa? E na escola?

A partir dos dados coletados é possível analisar o que revelam as falas dos professores, alunos e pais sobre regras e indisciplina, o que farei na próxima sessão.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 BREVES PALAVRAS SOBRE A COMUNIDADE, ESCOLA E PROFESSORES.

Nessa sessão procuro situar o leitor sobre o contexto em que professores, alunos e pais estão inseridos e quais são os conceitos de (in)disciplina, regras, violência que aparecem em suas falas. A pesquisa foi realizada em duas escolas do município de Jaguarão, em dois bairros com realidades diferentes. A Escola “X” atende alunos de 5 a 17 anos, conta com 33 professores e 7 funcionários com horários de atendimento manhã e tarde. A escola “Y” atende alunos de 5 a 17 anos, conta com 17 professores e 3 funcionários com horário de atendimento manhã e tarde. A comunidade nos dois bairros é composta por famílias que trabalham no centro da cidade buscando o sustento para sua casa, muitas vezes sem ter muito tempo para participar de reuniões ou eventos na escola e poderíamos classificar como sendo famílias de “classe popular”. A maioria dos professores das duas escolas possui formação em outras áreas da graduação, é mínimo o número de professores com formação em Pedagogia. Existem poucos professores formados recentemente, a maioria dos professores tem aproximadamente 20 anos de magistério e atuam na mesma escola. Na próxima sessão trago algumas categorias de análise que surgiram do olhar sobre as entrevistas e observação das escolas e salas de aula, iniciando pela entrevista com os professores os quais identifiquei como P1, P2, P3, P4, respeitando o sigilo dos nomes.

### 4.2- O QUE NOS REVELAM AS FALAS DOS PROFESSORES.

#### CARACTERIZAÇÃO DE ALUNO DISCIPLINADO.

<p>P1- Aluno disciplinado é o que respeita colegas e professores. P2-É aquele que tem <b>comportamento adequado</b> em sala de aula. P3-É aquele que consegue <b>obedecer ao que o professor fala</b>,é aquele aluno que podemos sair e levar a eventos sem ter que estar chamando atenção a cada dois minutos. P4- É o aluno que tem capacidade de estudar e se concentrar, de mostrar educação e hábitos de obediência às normas da escola.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nas falas dos professores o aluno disciplinado parece ser o que obedecem às normas sem questionar. Retomando a pergunta de Antunes (2005) sobre “Qual disciplina estamos efetivamente buscando?” Nesse caso a que os professores pesquisados buscam, fica claro em suas falas que é a do aluno obediente, subserviente, que tem capacidade de estudar e se



concentrar, de escutar o que o professor fala. Essa obediência e cumprimento das regras parece ser algo inato, visto que em nenhuma das salas existem normas escritas e também em nenhum momento presenciei um trabalho voltado a construção de regras. As falas dos professores situam o trabalho de regras no início do ano escolar e tratam as regras como algo natural, que o aluno já deveria saber e cumprir sem que o professor chamasse a atenção. O aluno agitado, que não para quieto é visto igualmente como indisciplinado, pois disciplina seria controle do corpo. Dessa forma o conceito de indisciplina para os professores está estritamente relacionado a um problema de comportamento:

[...] o conceito de indisciplina apenas como “problema de comportamento” precisa ser superado e assim devemos considerar outras dimensões além da comportamental, para englobar os diversos aspectos psicossociais envolvidos neste fenômeno (GARCIA, 1999, p. 102).

O que vemos é que os professores de modo geral ainda têm as mesmas expectativas disciplinares do século passado ainda que a sociedade tenha passado por inúmeras transformações o que vai influenciar em sua concepção de bom aluno, ou aluno disciplinado. O acesso do aluno a essas transformações ocorridas na sociedade tem uma conotação negativa e é visto como algo que colabora para a indisciplina na escola como podemos ver nas respostas sobre a interferência da modernidade na disciplina.

### **A MODERNIDADE INTERFERE NO FENÔMENO (IN) DISCIPLINA?**

P1-Muitas vezes sim, pois hoje em dia vemos muita violência e incentivo às atitudes.  
P2-No momento contribui sim, pois os alunos estão acostumados em casa com o computador, notebook, celular, playstation e joguinhos, aí vem para sala de aula onde só tem livros que muitas vezes não são atrativos. **Temos que rebolar para chamar atenção.**  
P3-De certa forma sim, os alunos estão chegando em aula **querendo mandar e saber mais que o professor.**  
P4-Um pouco porque com os jogos atuais de Playstation, internet, tablet,, as crianças não tem mais interesse em brincadeiras antigas como amarelinha, esconde-esconde, rodas e etc, brincadeiras que ensinavam valores como a amizade o companheirismo e o respeito. Mas acho que o principal fator por tanta indisciplina e pela não aprendizagem é decorrente de não imposição de limites por seus familiares.

As crianças do século XXI parecem estar sempre conectadas em tudo que ocorre à sua volta. É comum vermos bebês manuseando celulares e crianças de tenra idade dominando

aplicativos com mais competência que seus pais e professores. Os tablets e celulares estimulam o raciocínio rápido e os jogos nesses dispositivos têm atraído muitas crianças que passam horas nessa atividade. A mídia, as facilidades de acesso a informações fazem com que as crianças desejem experimentar as tecnologias, ou melhor, prefiram estar na moda, para que assim não sejam excluídos da roda de amigos. Dessa forma, é incontestável que o modo de brincar da criança desse século é diferente. Apoiados nessas diferenças os professores dizem que é difícil fazer com que a criança da era da tecnologia se interesse pelo que a escola oferece. Alegam que hoje em dia tem sido difícil a interação professor-aluno, as escolas perderam seu eixo de ensino, suas regras estão difíceis de serem cumpridas.

Vários dispositivos legais são criados para fazer funcionar regras e leis como garantia de uma retaguarda ao desenvolvimento da criança. No entanto, a escola não está conseguindo dar conta dessa atribuição como deveria. Está descaracterizada; perdeu o eixo: conhecimento, tradição. E isso está causando um mal estar nos professores que se sentem impotentes frente a estas demandas; têm que preparar o aluno para a vida, fornecer-lhe as ferramentas/conhecimentos com que poderá atuar para conduzir a civilização. Há a idealização de um futuro sem referências ao passado, sem uma aposta na criança. E, frente à magnitude do dever e falta de embasamento no passado, vê-se impedido de ensinar, vê-se em escolas que não conseguem segurar o aluno dentro da sala de aula, muito menos despertar e manter seu interesse pelos conteúdos curriculares específicos. (SANTOS, 2007, s/p)

Dessa forma parece que os professores não estão conseguindo “rebolar para chamar a atenção” (P2) e acabam atribuindo a indisciplina à não imposição de limites pelos familiares (P4) como se esses limites não pudessem ser trabalhados na escola, ou se o aluno não vier com os limites o professor não dispõe de recursos pedagógicos para essa construção. Será que de fato as crianças não tem interesse pelas brincadeiras antigas como afirma P4 ou não encontram um adulto que lhes apresente tais brincadeiras? Durante meu estágio brinquei muito com as crianças e através das brincadeiras pude construir regras com uma turma que era considerada a mais indisciplinada da escola. Concordo com P2- quando diz que alunos estão acostumados em casa com o computador, notebook, celular, playstation e joguinhos, mas sei o quanto se interessam por ouvir histórias e pelos livros desde que o professor escolha boas obras de literatura e transforme esse momento em um momento prazeroso e de aprendizagem.

Será que como aponta P1 hoje em dia hoje em dia vemos muita violência (o que parece incentivar o aluno a ser violento) ou na humanidade sempre tivemos presente a violência e talvez hoje tenhamos que pensar em estratégias para lidar com esse fenômeno? No caso da escola tratar-se-ia de estratégias pedagógicas, mas nem sempre esse parece ser o caminho escolhido pelos professores como podemos ver nas respostas da próxima pergunta.

## COMO PROFESSOR, PODEMOS AJUDAR ALUNO INDISCIPLINADO?

P1-Sim, na maioria das vezes uma palavra amiga e um gesto de carinho é o que este aluno necessita.

P2-Acho que o único que podemos fazer é conversar, chamar o responsável para entender melhor este comportamento e, depois **passar para um profissional da área**.

P3-Sim conversar com ele e fazer o que muitas vezes eu faço, trabalhar mostrando exemplos de alunos em caso de indisciplina.

P4-Sim trago para sala de aula essas brincadeiras e cantigas de roda para eles entenderem como era bom o tempo dos pais deles e assim estou ajudando eles a entenderem um pouco sobre a dignidade e o respeito com o próximo.

Para Freire (1987), o diálogo torna-se a essência de uma educação humanizadora e se constitui como um fenômeno essencialmente humano, realizado pelas pessoas por meio da palavra, a partir de duas dimensões: a ação, para a transformação e não alienação e a reflexão, atrelada à conscientização crítica e não alienante. Assim, a palavra não deve ser um privilégio de poucas pessoas, mas direito de todos os homens e mulheres, já que como diz o autor: “Os homens se fazem pela palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.78). No entanto o diálogo mencionado pelos professores não se aproxima do postulado por Freire pois não implica uma escuta verdadeira e em uma proposta de ação. Trata-se de um interrogatório sobre o porquê de determinadas atitudes dos alunos em que o professor acaba respondendo suas próprias perguntas sem ouvir o que o aluno tem a dizer e sem dar espaço para que o mesmo faça uma verdadeira reflexão sobre suas atitudes. Quando esse monólogo travestido de diálogo não surte efeito o professor recorre a uma solução externa como diz P2: Acho que o único que podemos fazer é conversar, chamar o responsável para entender melhor este comportamento e, depois **passar para um profissional da área**. Desta forma cada vez mais o professor perde seu espaço de especialista e sua autoridade como profissional uma vez que os aspectos de socialização, de relações também fazem parte do trabalho pedagógico de sala de aula. Quando existe alguma alternativa pedagógica para lidar com o aluno indisciplinado ou com a indisciplina ela parece se restringir a uma ação pontual como vemos na fala de P4: trago para sala de aula essas brincadeiras e cantigas de roda para eles entenderem como era bom o tempo dos pais deles e assim estou ajudando eles a entenderem um pouco sobre a dignidade e o respeito com o próximo. Nessa fala vemos um saudosismo o tempo bom era o de nossa infância como adultos, mas precisamos pensar em propostas pedagógicas e disciplinares para a infância da atualidade.

## FREQUÊNCIA DE CASOS DE INDISCIPLINA NA SALA DE AULA.

P1-As vezes.

P2-Não existe casos de indisciplina na minha aula, **existem alunos agitados.**

P3-No turno da tarde não existe, existe no turno da manhã quando é dia de planejamento que os alunos ficam alterados por querer sair mais cedo.

P4-Quase todos os dias acontecem **situações de falta de concentração**, bagunça e agressividade por parte de dois alunos da minha turma.

Os professores relacionam a indisciplina a falta de concentração, agitação, a carências psíquicas como menciona Aquino (1996, p. 45), “[..]a questão da indisciplina estará inevitavelmente associada à ideia de uma carência psíquica do aluno”, ou seja, o aluno atual sofre de carência de limites, de solidariedade, cooperação, qualidades que andam sendo esquecidas na sociedade atual. Mas a pergunta que permanece é que estratégias pedagógicas são pensadas para que se desenvolva essas qualidades, o que não aparece na fala dos professores. Também há que se questionar se podemos considerar o ambiente de sala de aula como educativo, portanto atrativo ao aluno? O Professor cuida desse ambiente, gosta de trabalhar nesse espaço?

Para Tiba (2006, p. 128), “O ambiente também interfere na disciplina”. Portanto, um professor agitado e estressado terá alunos agitados e estressados. Esta poderá ser então, mais uma das causas que geram indisciplina. Fazendo uma análise do ambiente das salas de aula nos aspectos físicos, pude observar que as salas são vazias, não existem cartazes nas paredes, nada que motive o aluno, muito menos trabalhos feitos por eles. Penso que, se eu não fiquei motivada sendo uma pessoa adulta, imagine os alunos, que são crianças e que terão que ficar aproximadamente quatro horas dentro de uma sala de aula somente com as pinturas das paredes que já estão riscadas, sem nenhuma produção de sua autoria que transforme o ambiente da sala de aula em um ambiente educativo. No mínimo as salas de aula deveriam ter cantinhos, cartazes coloridos, um mural com a construção coletiva das regras, caixas com livros para manuseio. Como aprendemos ao longo de nossa formação acadêmica deve ser um ambiente com materiais diversificados e refletir os percursos de aprendizagem daquele grupo de crianças. Um ambiente aconchegante, atraente, que motive o aluno, pois estes alunos nasceram em um período onde a tecnologia está muito presente, precisamos criar um ambiente que faça com estes alunos se sintam à vontade e motivados para ir para a escola. Além de salas pouco atraentes, o que presenciei nas observações das salas de aula quando os

alunos infringiam as regras não foi o diálogo tão presente nas respostas dos professores, mas gritos e repreensões.

### **NAS SITUAÇÕES DO COTIDIANO EXISTEM MAIS CASOS DE INCIVILIDADE, AGRESSIVIDADE OU VIOLÊNCIA?**

P1-Os três, pois se o aluno agride alguém com gestos ou palavras não esta sendo **civil**.

P2-Na escola percebo **mais atos de incivilidade**, mas é tudo influência da família mesmo.

P3-Percebo **mais atos de incivilidade**.

P4- Na minha sala, um aluno age com agressividade, **o outro é incivilidade** e, na minha aula não existem casos de violência. Na escola como um todo a maior parte é agressividade e violência.

Seguindo a caracterização proposta por Charlot (2002, p. 437) “as incivildades se referem a condutas que se contrapõe às regras da boa convivência”. Entre as incivildades cotidianas na escola destacam-se, por exemplo, as grosserias, as desordens, as ofensas verbais, e o que se denomina sem muita precisão conceitual de "falta de respeito". No espaço escolar as incivildades atendem a diferentes finalidades e se expressam de formas complexas. Seja como uma maneira de não querer aceitar o que a escola impõe, ou como violência, as incivildades ameaçam o funcionamento da escola e a convivência que ali ocorre (ABRAMOVAY et al., 2004). E é neste cenário que os professores se encontram diante da tarefa de educar para a cidadania. Se pensarmos desde a ótica do aluno podemos caracterizar alguns casos como violência simbólica pois, de acordo com as respostas dos alunos os mesmos dizem desconhecer as regras, segundo Bourdieu (2003, p. 7-8), violência simbólica é uma

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Violência está praticada pelos docentes quando humilham os que descumprem as regras, ameaçam chamar os responsáveis, através de gritos e repreensões.

## O QUE FAZEM OS PROFESSORES QUANDO ACONTECEM CASOS DE INDISCIPLINA EM SALA DE AULA?

P1-Diálogo com a turma e se for o caso **comunico a supervisora e diretora.**

P2-Costumo **chamar atenção**, converso com ele para saber por qual motivo esta agindo daquela maneira e tendo aquele comportamento, não se resolvendo se toma outra atitude. (**Mando para coordenação e lá eles decidem o que vão fazer**).

P3-Costumo **chamar atenção**, dialogo com ele e vou mostrando com exemplos como é a convivência deles e como precisa ser para viver em sociedade.

P4-Converso e não grito com ele e tento trabalhar diferente para ver se esse aluno melhora o comportamento. Dou aulas interessantes que estimule a aprender.

Segundo os professores, às vezes se torna difícil administrar um conflito porque ele surge de repente por diversos motivos, envolve pessoas diferentes, cada uma com sua razão, é nessa hora que o professor precisa mostrar a sua maturidade, não pode jamais perder a calma diante dos alunos, muitas vezes é isso que os alunos pretendem, testam os professores, querem descobrir seu ponto fraco para aproveitar-se disso em benefício próprio. Um professor que perde a calma diante dos alunos, que demonstra raiva, dificilmente conseguirá o respeito de seus alunos. Não há receitas para esse tipo de situação, cada realidade é uma, cada momento é diferente, cada aluno é diferente e tem uma reação. Aquino (1996, p.50), ressalta a importância da relação professor-aluno: “A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira que nos posicionamos perante o nosso outro complementar”. Nessa perspectiva seria importante uma ação que fosse além do chamar a atenção ou mandar para direção, que construísse novas formas de relação.

O professor pode contribuir para o fenômeno da indisciplina, segundo Antunes (nota de rodapé), na medida em que não se preocupa com sua didática. O professor deverá ter a preocupação na preparação das aulas, organizando todo um planejamento. A autoestima do aluno, também é algo que merece destaque, assim como o bom humor do professor na sala de aula. Segundo Rego (1996, p.98)

Uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.

Para que consigamos entender as consequências que essas posturas de pais e professores podem originar, Araújo (1996) traz à discussão a teoria de Piaget sobre juízo

moral. Para Piaget, as crianças se relacionam com as regras a partir de um caminho que se inicia com a fase da anomia, logo em seguida a heteronomia, e finaliza com a autonomia.

A anomia refere-se a um período de ausência de regras, característica do indivíduo que não sabe o que pode ou não ser feito, a heteronomia consiste num período em que a criança já percebe a existência das regras, mas quem as determina são os outros e a autonomia significa que o sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio, ou seja essas regras foram interiorizadas. Araújo (1996) afirma que posturas autoritárias baseadas em atos de repressão reforçam os estados de heteronomia, pois fazem a criança obedecer às regras sem nenhuma explicação ou justificativa para as mesmas. De modo geral, tanto pela que observamos nas entrevistas dos professores quanto pelo que foi visto nos breves momentos que estive em sala de aula o professor se limita a chamar a atenção do aluno que não cumpre as regras estipuladas, mas não planeja um trabalho que caminhe no sentido de construir a autonomia. Isto fica nítido a partir das respostas das crianças o que veremos a seguir, onde os alunos serão identificados como A1- A2- A3- A4.

1-O que são regras?  
2- Quem inventou as regras?  
3- Tem regras na tua sala de aula?  
4- Quais são?  
5- Porque as regras existem?  
O que acontece com quem não cumpre as regras?  
Você se considera um bom aluno? Por quê?

### **CONCEITOS DE REGRAS ALGO ESTRANHO AOS ALUNOS.**

Dos alunos entrevistados três alunos disseram saber o que eram as regras, mas suas respostas levavam a algo que se obedece. As demais respostas foram:

A1- A mãe manda fazer.  
A2- Aprender a respeitar a terra.  
A3 Não sei.  
A4- Coisas que pode fazer e não pode.  
A5-Não sei  
A6-Não sei  
A7-Não sei

[...] normalmente, as relações entre a professora e seus alunos são de coação, pois esta impõe regras prontas e pune a desobediência ou premia a obediência de seus alunos. Estes não participam na elaboração das regras e muitas vezes não sabem sua real função; aprendem somente que devem obedecer para não serem punidos ou serem premiados. Claro que aprendem também a calcular os riscos de sua desobediência, a disfarçar suas transgressões, a simular, etc. Enfim, mantêm-se heterônomos nessa relação; uma autoridade externa a eles é que lhes indica o que fazer (PIAGET, 1994, p. 60).

Como destaca Piaget, parece que é esta lógica que está presente nas salas de aula pesquisadas, pois os alunos não sabem responder o que são regras, mas sabem que o professor ou a mãe manda e ele tem que obedecer. Para que pudéssemos avançar no sentido da autonomia as regras deveriam ser construídas desde os primeiros dias de aula no coletivo e com um professor que problematizasse o porquê de criar regras, por que são importantes, acordando o que aconteceria caso não se cumprisse, refletindo com a turma as consequências do não cumprimento de regras para o coletivo. Assim o aluno estará implicado nesse processo de construção de regras, saberá o que são as regras para além de repetir o que sabe que pais e professores querem ouvir, para que servem essas regras e em que momento o não cumprimento pode prejudicar o andamento do processo educativo.

### **DESCONHECIMENTO DE ORIGEM DAS REGRAS.**

Um aluno soube responder quem inventou as regras, as respostas foram:

A1-A2 -A4-A5-A6-A7-A8- Não sei.

A3-Ninguém

Garcia (1999) avalia que as escolas necessitam desenvolver uma diretriz disciplinar alicerçada em seu projeto político pedagógico. Nesta diretriz competiria o desenvolvimento de regras e procedimentos disciplinares. Mas, a legitimação desta diretriz só poderia ocorrer



desde que tais e regras e procedimentos sejam construídos com a participação dos estudantes e de toda a comunidade escolar.

A participação dos alunos é um elemento importante, pois favorece o sentimento de pertença e implicam o exercício de algum grau de poder sobre as disposições coletivas, bases na criação de um senso de responsabilidade comum e um elemento de motivação (D'ANTOLA apud GARCIA, 1999, p. 105).

Embora no texto dos dois Projetos Políticos Pedagógicos das escolas, ambos classificados pela direção como estado em construção, apareça a menção a construção coletiva de regras não foi referido por parte de professores, pais e alunos nenhum momento desse ano letivo que se lembrassem que houvesse uma discussão sobre as regras da escola. Os casos de indisciplina são tratados como problemas individuais, que devem ser resolvidos em casa ou na sala da direção.

### **CONTROLE DO CORPO E DO TEMPO:**

Tem regras na sala? Quais são?

- A1- Tem(...) não conversar, **não ficar levantandosem o professor mandar.**
- A2- Não bater nos colegas.
- A3- Não ficar conversando, **sentar no lugar virado pra frente.**
- A4- **Não virar pra trás** pra conversar com o colega.
- A5- Só tem de não falar palavrão.
- A6- Pedir licença **pra se levantar**, pedir pra ir no banheiro.
- A7- Não bater em ninguém, não atirar terra na boca como todo mundo faz, nem atirar colega no chão, não trapacear porque trapacear não é bom.
- A8- Não brigar e **não virar pro lado e não sair do lugar** e pedir desculpa.

A fala dos alunos nos sugere a imobilidade, reforçando a ideia de silêncio e submissão onde o aluno cala e obedece ao professor e a este cabe a função de decidir o que se configura em transgressão as regras e punir. De acordo com as ideias de Wallon, a escola infelizmente insiste em imobilizar a criança numa carteira, limitando justamente a fluidez das emoções e do pensamento, tão necessária para o desenvolvimento completo da pessoa (Ferrari, 2013) Esse imobilismo e controle do corpo, do tempo, da produção são retratados nas falas dos alunos quando dizem que não podem virar para o lado, nem para trás (A4), não pode levantar

como diz o aluno (A1) e o horário de ir ao banheiro é controlado como esta na fala do aluno (A6). Mediante a este fato como é possível aprender em uma escola que ainda tenta manter a mesma estrutura e disciplina de século passado? Não é sinal de saúde mental os alunos que vivem em outra realidade histórica e cultural, num mundo de tecnologias rebelarem-se promovendo transgressões as regras impostas, a essa agressão? Nas respostas os alunos como A7 elencam muitas atitudes que de fato não gostaríamos de ter na escola, mas que são justamente o que as crianças fazem. Parece que repetir as regras impostas não é sinônimo de cumpri-las e, ser um bom aluno parece ser algo enfadonho, pois para isso tem que” copiar, ser rápido e se comportar (não ir para diretoria) ” como vemos nas respostas a seguir.

### **O BOM ALUNO É O QUE COPIA E SE COMPORTA.**

A1- Sim porque eu **copio**.

A2- Sim porque eu sou esperto, **mas eu converso às vezes**.

A3-Acho porque eu **nunca fui** para **secretaria** e **nunca desrespeitei** os professores.

A4-Sim porque eu **nunca fui para diretoria**, e o professor **nunca** me deu **livro** pra mim **copiar**.

A5-Sim porque só eu que **termino tudo mais rápido**.

A6-Sim, porque eu sempre **respeito a sora**, eu não queria vim porque eu tava com vergonha.

A7-Eu sou porque eu me **comporto e copio tudo**.

A8-Sim porque eu **respeito todo mundo** e também **copio tudo** que a **professora manda** e não respondo nada.

Acredito que os alunos têm esta visão porque é isso que escutam na sala de aula, fazendo uma comparação com a entrevista dos professores onde a pergunta era como você caracteriza um bom aluno? Segundo os professores investigados, um bom aluno é aquele responsável com os deveres, que respeita os outros, aquele que participa das aulas, faz as atividades propostas e respeita as normas escolares. Quando perguntadas sobre o que era respeitar as crianças novamente falaram em obedecer, como se respeito fosse apenas isso, o que mostra que os professores acabam colaborando para construir essa relação entre respeito e obediência. Para Oliveira (2002) Essa concepção de bom aluno como sendo bem comportado, obediente, cumpridor de suas tarefas pode parecer apropriada, já que, se assim for, pode se conseguir “dar uma boa aula” sem fazer grandes esforços. Porém, se analisarmos a fundo, veremos que precisamos superar esse entendimento, pois temos como premissa que a questão

da disciplina deve envolver a formação do caráter, da cidadania, dos valores e atitudes das pessoas.

## OS RESPONSÁVEIS

Em relação à família La Taille (1996) chama a atenção sobre os limites que os pais não colocam em seus filhos, limites estes que são necessários ao ser humano. Antunes, no vídeo (nota de rodapé) aborda a questão da família ressaltando que a mesma, deverá ter clareza de seu papel, onde necessitará constantemente ser chamada à participação na escola e ser esclarecida de sua função, até mesmo no ato da matrícula.

Observamos com isso que a família tem um papel fundamental na disciplina das crianças, pois conforme Aquino (1996), a escola não poderá assumir um dever que não é dela, que é estruturação psíquica prévia ao trabalho pedagógico, pois esta é responsabilidade do âmbito familiar. A seguir trago a respostas dos familiares das crianças entrevistadas que serão identificados com X1,X2,X3,X4,X5,X6,X7,X8.

- |                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1-Consideras teu filho (a) um bom aluno? Por quê?<br>2-Sabe quais as regras que existem na sala d aula de seu filho (a)?<br>3-Seu filho (a) costuma cumprir as regras em casa?<br>4-O acontece quando ele (a) não cumpre as regras em casa? |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Respostas da pergunta número 1:

- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| X1-Sim porque é muito comportado.<br>X2-Sim eu acho porque consegue conviver bem com todos, não tem problemas na escola.<br>X3-Sim porque nunca tive queixas dele nenhuma, é quieto não é de incomodar e aprende fácil.<br>X4-Até agora ela é porque até agora não tive queixas dela.<br>X5-é porque eu acho que ela é.<br>X6- É porque ele faz toda tarefa em casa, tudo.<br>X7-Sim porque até hoje nunca recebi nenhuma reclamação no colégio. |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Segundo as respostas dos responsáveis entrevistados, o bom aluno é aquele comportado (X1), é o aluno que não tem queixas na escola (X3), (X4) e (X7), é o aluno que consegue conviver bem com todos. Diante da análise inicial, pude perceber algumas divergências nas falas da escola, dos responsáveis e dos alunos, pois o responsável de um aluno diz que nunca recebeu reclamação da escola (X3), mas a professora indicou este mesmo aluno como sendo um aluno indisciplinado e, o aluno (A3) diz que nunca foi para secretaria e

nunca desrespeitou os professores também é considerado como um aluno indisciplinado. X6 é o único responsável que atribui o fato de fazer os trabalhos da escola ao ser um bom aluno, interessante que a criança é considerada pela professora como indisciplinada porque não para quieta em sala de aula. Os demais consideram que o bom aluno é aquele do qual a escola não se queixa, ou seja, sobre o qual nada fala. Dentro dessa ótica os alunos indisciplinados são muito mais vistos e se fala mais sobre eles dos que os disciplinados. Dessa forma talvez a indisciplinada possa ser uma forma de destacar-se, de ser notado, ser visto.

### **O QUE SABEM OS PAIS SOBRE AS REGRAS DE SALA DE AULA.**

X1- Não teimar, são regras de comportamento. X2-Regras de horário de entrada e de saída, em sala de aula quanto ao comportamento e o uso de uniforme. X3-Menos conversa e mais respeito. X4- Acredito que não conversar, ter tudo em dia,em ordem. X5-Existe, comportamento. X6- Não brigar, pedir licença,obrigado e desculpa. X7-Não conversar em aula, respeitar o professor e os colegas, acho que é isso aí. Copiar a matéria isso tudo faz parte da regra da aula. X8- Tem hora para ir no banheiro e não pode levantar do lugar.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os pais parecem enfatizar as mesmas regras valorizadas pelas professoras. Percebe-se nas falas dos responsáveis que as regras que eles dizem conhecer da sala de aula não passam daquelas mesmas que o professor fala aos alunos desde o primeiro dia de aula e, estes chegam em casa e comunicam aos pais. Na verdade, como já foi colocado em vários pontos deste texto, os alunos não tiveram nenhuma autoria na construção das regras, somente obedecem às regras que lhe são impostas e os pais parecem aceitar esse processo como natural, sendo chamados apenas quando os filhos descumprem as regras estipuladas.

### **SEUS FILHOS CUMPREM AS REGRAS EM CASA?**

X1-Sim X2-Sim, sempre a gente chama e ele vem.
---------------------------------------------------

- X3-Sim, o que a gente pede para ele fazer ele faz.
- X4-Até por ali... às vezes
- X5-As vezes sim, de vez em quando se esquece.
- X6-Cumpre, sempre.
- X7- Nem tudo, as vezes tem que brigar para fazer as coisas.
- X8- Cumpre, mas sempre reclamando.

Rego (1996) afirma que algumas pessoas julgam os 'lares desestruturados' e a desvalorização da escola por parte dos pais serem alguns dos fatores determinantes para o comportamento indisciplinado dos alunos. Os professores entrevistados relacionam os poucos episódios de indisciplina de seus alunos a esses lares desestruturados e a não valorização da escola, mas a fala dos pais entra em contradição com essa afirmação. Os pais enfatizam que de modo geral os filhos cumprem regras de acordo com a estrutura da família mesmo que demorem ou reclamem. Podemos inferir que os responsáveis acreditam estar fazendo sua parte, seu papel para que seu filho se comporte na escola, seu papel como primeiro contexto de socialização

[...] família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influencia o comportamento da criança na escola. (REGO, 1996, p. 97).

## **O QUE FAZEM QUANDO ELE(A) NÃO CUMPRE AS REGRAS?**

- X1- Castigo, não deixo brincar no computador.
- X2- Daí a gente dá um castigo e conversa, se corta alguma coisa.
- X3-Quando tá muito teimoso a gente tira o videogame e põe de castigo e é tiro e queda.
- X4-Castigo, de vez em quando umas palmadas para ver se atende os limites.
- X5- Castigo e tiro a televisão.
- X6- Dou castigo e deixo sem brincar.
- X7- Converso com ele e peço para cumprir as regras e até hoje ele nunca se recusa a fazer o que eu mando.
- X8- Deixo sem brincar.

É possível perceber que proibir a criança de fazer algo que ela gosta como assistir televisão ou brincar com os amigos é uma estratégia muito usada pelos pais. Educar não é uma tarefa fácil, Tiba (2002, p. 29) explica que

Educar dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar um julgamento; prestar atenção em seus pedidos de socorro (nem sempre claros) para ajudá-lo a tempo; identificar junto com o filho onde ele falhou, para que possa aprender com o erro; ensiná-lo a assumir as consequências em lugar de simplesmente castigá-lo por mais fácil que seja; não resolver pelo filho um problema que ele mesmo tenha capacidade de solucionar; não assumir sozinho a responsabilidade pelo que o filho fez, por exemplo, ressarcir prejuízos provocados por ele ou pedir notas aos professores

Tanto na família quanto na escola, segundo Tiba (1999, p.45) há “a necessidade de orientação às crianças quanto às regras disciplinares, para que elas possam desenvolver a capacidade de concentração e de apreensão dos conceitos”. A aprendizagem se dá de maneira gradativa e não será possível sem a participação ativa do aluno, de maneira disciplinada, orientada. Dessa forma parece que tanto a escola quanto a família usam o mesmo recurso, conversa e castigo (no caso da escola ir para a direção) não oferecendo à criança a orientação sobre as regras ou a coautoria das mesmas.

### **CASTIGO ADIANTA, ATÉ QUE PONTO?**

- X1- Sim da próxima vez sabe que não pode desobedecer.
- X2- Sim, porque primeiro converso e explico depois cortamos alguma coisa.
- X3- Sim porque ele não gosta de ficar sem o vídeo-game.
- X4- Castigo não adianta muito, ela tem medo e das palmadas mesmo.
- X5- Eu acho que adianta bastante.
- X6- Sim qual a criança que gosta de ficar sem brincar.
- X7- A conversa é bem melhor que castigo porque na conversa eu explico e ele me entende sem precisar castigar.
- X8- Adianta só naquela hora, depois esquece e repete a mesma coisa.

Os limites fazem parte da formação da criança, não só em termos de quais seriam os comportamentos apropriados ou não, em uma situação; mas, também, em relação aos valores que, futuramente, vão nortear suas decisões, sobre o que é certo ou errado. Porém, essa tarefa não é fácil, porque exige que os pais estejam seguros do que estão fazendo, ajam de forma coerente com aquilo que dizem e cumpram com as promessas que fazem; por isso, vale a pena investir no diálogo com as crianças e adolescentes, para que educar deixe de ser um fardo difícil de ser carregado e passe a significar uma relação prazerosa entre pais e filhos (ZAGURY, 2003). No entanto pelo que observamos das respostas dos responsáveis apenas X7

entende que explicar e dialogar podem ser o melhor caminho. A maioria acredita na eficácia do castigo através da privação do brincar ou até mesmo do castigo físico.

## **A POLIFONIA DE VOZES QUE CARACTERIZAM DISCURSOS SOBRE INDISCIPLINA E REGRAS.**

Um dos pontos interessantes ao cruzar as entrevistas de pais, alunos e professores foi o fato de que os alunos considerados indisciplinados pelos professores eram vistos como bem comportados pelos pais. Já as crianças ditas indisciplinadas demonstravam saber apenas que não deveriam conversar e andar e desconheciam a origem destas regras. As crianças consideradas disciplinadas diziam que eram bons alunos porque copiavam do quadro. Dessa forma existe um forte vínculo para essas crianças e seus professores entre ser um bom aluno e copiar, ou seja, disciplina não está relacionada a desenvolvimento moral. Segundo La Taille (1996) existe um vínculo entre disciplina e moral, porque tanto disciplina como moral, estabelecem uma relação entre o indivíduo e um conjunto de normas, além disso, vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito aos colegas, professores e à própria instituição escolar. Uma explicação que tanto pais como alguns professores têm para entender o aluno indisciplinado está ligada à idade, de acordo com Rego (1996, s/p).

Algumas pessoas afirmam ser a infância, uma etapa da vida postulada por egocentrismo e desobediência. Entretanto, justificar em função da idade é um equívoco, pois termina por deixar a questão da indisciplina sem qualquer explicação, não justificando o que faz com que algumas crianças de mesma idade sejam indisciplinadas e outras não.

As concepções dos entrevistados acerca do conceito de indisciplina variaram entre a falta de limites, a violência e o não cumprimento das regras. Sob essa perspectiva os professores e pais enfatizaram a falta de limites como sendo a principal característica do comportamento indisciplinado. Esta concepção confirma o que diz Aquino (1996, p.9)“as crianças hoje não teriam limites, os pais não os imporiam, a escola não os ensinaria, a sociedade não os exigiria, a televisão os sabotaria”.

Também venho a ressaltar a relação observada entre indisciplina e violência. Alunos, pais e professoras entrevistados demonstraram perceber os atos violentos como uma modalidade ou uma forma de indisciplina. Entretanto, para considerarem violência, parece

haver necessidade da existência de uma agressão física. Já a falta de limites, aspecto que foi mais caracterizado pelos entrevistados em relação à concepção de indisciplina, significa a transgressão de alguma regra conhecida, mas que não implicava em violência física. Ainda é interessante notar que por diversas vezes os alunos identificaram o aluno disciplinado como o indivíduo que não levanta da sua classe, ou que fica virado para frente, demonstrando uma concepção equivocada de disciplina. Para tais alunos ser disciplinado implicava necessariamente uma atitude passiva na sala de aula, qualquer movimento é visto como algo inadequado. Entretanto, como afirma Rego (1996), a disciplina não deve ser compreendida como mecanismo de repreensão e controle às atitudes de movimento e inquietude, mas como um conjunto de parâmetros que devem ser obedecidos no contexto educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade.

A ênfase na família como causa da indisciplina, para além de uma saída cômoda, também parece representar de certa forma um apelo silencioso em busca de orientação sobre como lidar com essa questão. A escola e a relação professor-aluno foram apontadas apenas por professores como causas da indisciplina. Eles chamaram atenção basicamente para a importância de autoridade por parte do professor para que as regras fossem cumpridas. Entretanto, nenhum professor ressaltou a necessidade de melhorar a organização do próprio trabalho pedagógico, discutindo a importância de um planejamento que envolvesse os alunos em atividades realmente significativas.

Quanto às atitudes que podem ser tomadas por professores em sala de aula, foi observada nas entrevistas a necessidade de maior diálogo, em que professores e alunos reafirmariam sua relação e suas expectativas de forma consciente e democrática. Isto é coerente com a proposição de Aquino (2003) que salientou a importância da realização de contratos pedagógicos entre professores e alunos e de que estes contratos pudessem ser constantemente rediscutidos. A atenção e o carinho na família também foram atitudes levantadas pelos entrevistados que reafirmaram o papel afetivo dos pais e a relevância desse tipo de atitude para a formação moral das crianças. Disciplina é uma relação de afeto e respeito, uma ação recíproca de cumprimento de normas (ANTUNES, 2005).



## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa me propus a tentar descortinar o que nos revelam as falas de professores, pais e alunos sobre (in) disciplina e regras no cotidiano de escolas de Jaguarão. Ao coletar e analisar os dados percebo que precisaria de mais tempo para trabalhar com essa temática de pesquisa, mas algumas conclusões são possíveis.

O primeiro ponto que gostaria de destacar é de que pelo que pude ver na revisão de literatura sobre o que se esperava de um aluno disciplinado e de como eram impostas as regras no século passado pude inferir que os avanços foram poucos. Já não temos a palmatória, o milho, os castigos físicos, os alunos não aceitam passivamente as regras e ordens, mas os discursos sobre bom aluno ou aluno disciplinado ainda são muito próximos das Recomendações Disciplinares de 1922 que trouxe na sessão de revisão bibliográfica. A diferença é que no século passado o professor conseguia impor as regras, hoje não consegue fazer de forma tranquila o que requer que se pense em um trabalho para a construção de princípios de convivência.

Considerando as diferentes concepções observadas entre os grupos de pais, professores e alunos, parece de fundamental importância que estas concepções de indisciplina e regras sejam compartilhadas entre eles, de modo a permitir que se busque soluções conjuntas para o problema em questão. A escola e a família precisam reconhecer que suas atitudes só serão eficazes a partir do momento em que elas trabalharem juntas, uma apoiando, valorizando e dando suporte a outra para que a criança perceba cada vez mais o interesse e a importância dessas duas instâncias sociais na sua vida. As regras precisam ser construídas em conjunto com as crianças, como parte de seu desenvolvimento moral e da construção da cidadania. As práticas pedagógicas precisam ser revistas no sentido de serem desafiadoras provocando a mobilização dos alunos para aprendizagem que está para além da cópia e repetição. Dessa forma percebe-se que o trabalho com a indisciplina na escola começa com uma formação pedagógica que possibilite ao professor planejar estratégias para construção de algo que transcenda as regras impostas e caminhe e aproxime-se de princípios de convivência que façam sentido para a turma. Além de regras de um grupo específico ou sala de aula é preciso pensar nas regras da escola e para tanto se faz necessário que sejam discutidas por todos da escola, pais, professores, funcionários e alunos, configurando o que hoje intitulamos como Gestão Democrática da escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.; SILVA L. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AMENDOEIRA, J (1999). **A formação em enfermagem**. Que conhecimentos? Que contextos?. Um estudo etnosociológico. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova.

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto**: como ensinar e transmitir valores. Campinas – SP: Editora Papirus, 2005.

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho = aluno difícil**. A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Disciplina, indisciplina e a complexidade do cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Marta Kohl; SOUZA, Denise T. R.; REGO, Teresa C., (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002

AQUINO, J. G. **A Indisciplina na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. 1998.

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Julio R. Groppa. **Indisciplina**: O contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003. Coleção Cotidiano Escolar. 95 p.

BRASIL, LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

CHARLOT, Bernard; ÈMIN, Jellab, Aziz (Coord.). **Violences à l'école**: état des savoirs. Paris: Mason 7 Armand Colin, 1997.

FERRARI, Márcio. **Henri Wallon**, o educador integral. 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/educador-integral-423298>>

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio**. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- FONSECA, João José Saraiva da; **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza : UEC, 2002.
- FORTUNA, T. **Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção**. In: Xavier, M. L. (Org.). **Disciplina escolar: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GARCIA, Carlos M. **Formação de professores**. Porto: Porto Editora, 1999.
- GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba: n° 95, jan. /abr. 1999, p. 101-108.
- LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola: nem vítimas, nem culpados**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (org.) **Indisciplina na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 13ª edição. São Paulo: Summus editorial, 1996.
- LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2002.
- MICHAELIS. **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p.
- NOVAIS, E. L. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?** Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 15-51, jan./ jul. 2004.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento Estratégico: Conceitos Metodologia Praticas**. 18 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- OLIVEIRA, Erika C.S., MARTINS, Sueli T.F. **Violência Sociedade e Escola: da recusa do diálogo à falência da palavra**. Psicologia & Sociedade, 2007.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 13. ed. Campinas: Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Tradução Elzon Lenardon. – São Paulo: Summus, 1994.

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo**: uma análise na perspectiva Vygotsakiana. In: Indisciplina na escola: alternativa teóricas e práticas. São Paulo, ABDR Afiliada, 1996.

SILVA, Aída Maria Monteiro. **A Violência na Escola**: A Percepção dos Alunos e Professores. Disponível em: [www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p253-267\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf)

SMITH, Peter K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. IN: TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Violência na Escola**: representações sociais dos sujeitos envolvidos. 2002,164F.

SHAFFER, David R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad,1995.

XAVIER, M. L. (Org.). **Disciplina na escola**: enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002

YOUTUBE. (2015, dezembro,04). **Disciplina e indisciplina na escola**. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gfa3XIA7mUI>

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Construindo Cidadãos).